



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

UM CANTO AFRO DE LIBERTAÇÃO¹

An african song of liberation

José Geraldo Rocha²

Resumo: Dentre tantos dons doados por Deus à comunidade negra, o cantar tornou-se uma forma de proclamar a esperança que persiste em meio aos pobres. A reflexão proporcionada pela Teologia da Libertação no continente latino-americano foi decisiva na descoberta dos pobres como sujeitos do processo histórico. Nesse contexto, a comunidade negra passou a se compreender como portadora da Boa Notícia do Reino. Essa experiência teológica modificou o modo da presença negra no cotidiano eclesial. Dentre tantas formas de expressar o Deus com rosto de negros e negras encontradas pelos grupos negros, o canto tornou-se efetivamente um modo de proclamar a libertação, na certeza de que o Deus dos pobres ouve o clamor dos negros. O presente artigo nasce de análise das letras de algumas músicas compostas e cantadas pelos grupos de Agentes de Pastoral Negros nas comunidades eclesiais. Foram músicas que impulsionaram a caminhada eclesial, ao mesmo tempo em que deram visibilidade à presença do negro na igreja.

Palavras-chave: Canto. Negro. Deus.

Abstract: Among the many gifts given by God to the black community, singing became a way of proclaiming the hope that persists among the poor. The reflection provided by Liberation Theology in the Latin American continent was instrumental in the discovery of the poor as subjects of the historical process. In this context the black community began to be understood as bearer of the Good News of the Kingdom. This theological experience changed the character of black presence in everyday ecclesial life. Among the many ways of expressing the God with the face of the black men and women encountered by black groups, singing became a way to effectively proclaim release,

¹ O artigo foi recebido em 22 de outubro de 2012 e aprovado em 29 de abril de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Um Canto Afro de Libertação faz parte de uma reflexão teológica que vem sendo construída ao longo dos anos dos Agentes de Pastoral Negros. No presente artigo são retomadas algumas reflexões publicadas na Revista Caminhos e Revista Horizonte em anos anteriores. Inicialmente este texto objetivava ser apresentado em uma mesa temática no Congresso Continental sobre os 50 anos do Concílio Vaticano II e 40 anos da Teologia da Libertação, mas, por motivos diversos, acabei não participando do evento.

² Doutor em Teologia pela PUC-Rio, Rio de Janeiro/RJ, Brasil, professor adjunto no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas na Unigranrio, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. Contato: rochageraldo@hotmail.com

I confident that the God of the poor hears the cry of the blacks. This article arises from analyzing the lyrics of some songs composed and sung by groups of Black Ministry agents within the ecclesial Communities. They were songs that boosted the ecclesial journey while giving visibility to the black presence in the Church.

II **Keywords:** Music. Black. God.

Introdução

A Teologia da Libertação no continente latino-americano descortinou o rosto do Deus da vida em meio aos pobres. Tal constatação fez nascer, em meio aos pequenos e excluídos, uma nova consciência de pertença à história. A pertença como sujeitos emergentes inaugura novos modos de ser igreja por meio das comunidades eclesiais de base. Uma nova consciência fez desabrochar processos identitários. Nasceram novos sujeitos, que à luz da palavra de Deus vão sentir-se fortalecidos na busca do direito de ser gente. Pobres lutam por reconhecimento como gente. Negros e indígenas fazem-no do mesmo modo e colocam em destaque os elementos pertencentes às suas culturas no continente latino-americano. É um tempo novo inaugurado. Tempo dos novos sujeitos. Tempo de graça e libertação.

O presente artigo tem o intuito de partilhar um pouco da significância desse novo tempo no cotidiano da vida dos negros no Brasil envolvidos com a caminhada da igreja.

Existente uma compreensão teológica que marca a trajetória e a vida dos grupos negros. Essa realidade tem fomentado uma literatura sagrada que vem sendo sistematizada à luz das práticas dos grupos negros. Essa compreensão teológica está na raiz dos Agentes de Pastoral Negros. Sua atuação nas comunidades se dá a partir de uma compreensão teológica na qual os empobrecidos, oprimidos e marginalizados passam a atuar como sujeitos do processo histórico. Em função da condição de sujeito histórico deu-se o crescimento do desejo e recriaram-se novas formas de participação na vida social e, de modo particular, na vida eclesial. Em outras palavras, determinadas realidades tornaram-se uma sociedade mais inclusiva, a igreja mais viva, mais alegre, mais participante e festiva. Evidentemente que os cantos e a dança foram elementos fundamentais, com os quais a presença negra passou a ser percebida, e um Deus próximo ao negro passou a ser revelado.

Nesse contexto³, os cantos passaram a ser formas pelas quais o negro expressava sua situação, suas esperanças e certezas da libertação. A consciência do mistério salvífico de Deus torna-se uma realidade nos cantos feitos para fortalecer e animar a caminhada.

O Deus que, em nosso meio, vem se manifestando é para nós um acontecimento salvífico. O Deus presença que nós negros vamos descobrindo aparece embrulhado, mistura-

³ Cf. *Revista Caminhos*, v. 8, n. 1, jan./jun. 2010, p. 115-127.

do nas nossas coisas, no nosso jeito de ser negros e negras. Por isso Ele é na dança, é no canto, na festa, na alegria, na luta e na garra. Então, quando cantamos, cantamos o Deus da nossa esperança; quando dançamos, dançamos o Deus da nossa esperança; quando lutamos, lutamos de braços dados com o Deus da nossa esperança.⁴

Uma grande riqueza teológica transparece nos cantos dos Agentes de Pastoral Negros nesses anos de caminhada. Deus fala à comunidade negra através dos cantos e da dança. Quando o negro canta e dança, Deus é presença constante. No cantar não está um simples cantar: quem puder entender, que entenda; o dançar não é apenas um dançar: quem tiver olhos para ver, que veja.

O presente artigo está pautado em um referencial metodológico que implica uma análise de aspectos da caminhada dos Agentes de Pastoral Negros (APNs) onde o canto assumiu um modo de relacionar-se com Deus. Nesse caminho metodológico destacam-se a análise dos cantos presentes na caminhada dos APNs. Esses cantos nasceram ou foram compostos por pessoas dos grupos negros. Em muitos casos, a autoria sequer foi registrada. Eles tornaram-se referências no dia a dia dos grupos negros e propiciaram uma leitura à luz das reflexões teológicas. Evidentemente isso está relacionado à própria presença do autor nos grupos negros enquanto participe e, em muitas oportunidades, contribuindo nos debates e reflexões teológicas propiciadas pela caminhada.

Ainda merece ser destacado que alguns fragmentos de outros trabalhos enfocando a questão dos Agentes de Pastoral Negros são retomados no presente artigo, levando em consideração que existe uma reflexão teológica maior em construção, em elaboração, e que vez por outra acaba sendo retomada em diferentes contextos.

Cantando as novidades do Reino

O canto tem sido um instrumento de reconstrução da relação do negro com Deus no imaginário socioeclesial e teológico. Não se pode deixar de considerar que o processo histórico associou a imagem do negro com aquilo que é ruim, feio e até coisa do demônio.

Os grupos negros utilizaram-se do canto como um modo de desconstrução e reconstrução da imagem do negro. “Eu sou negro sim, como Deus criou”⁵ ganhou uma conotação de exaltação da negritude. Muitas outras cantigas nasceram nesse processo de negritude e possibilitaram aos Agentes de Pastoral Negros desenvolver tantas outras afirmações teológicas.

“Oh que coisa bonita, oh que coisa bonita, Deus Pai libertador criar negra cor, oh que coisa bonita.”⁶ Trata-se de um refrão simples, que se tornou um canto forte nas lutas de organização da comunidade negra, cuja fé se constituía em elemento

⁴ ROCHA, José Geraldo da. *Teologia Negra – Retalhos de Nossa História*. Rio de Janeiro, 1994. p. 23.

⁵ Canto de animação pastoral dos Agentes de Pastoral Negros. Autoria desconhecida.

⁶ Canto de exaltação da beleza negra como obra da criatura. Autoria desconhecida.

fundamental na busca da justiça. É o Deus libertador quem criou a cor negra, assim como criou a cor branca. Na verdade, esse refrão contém duas afirmações fundantes: “oh que coisa bonita”, repetido três vezes, vem contrapor as concepções racistas e discriminatórias que nega a beleza à cor negra, tomando o branco como padrão de beleza. Portanto, apenas afirmar a beleza negra não basta, é necessário afirmá-la insistentemente, repetidamente. A outra afirmação é que essa cor é “criada por Deus Pai libertador”. Nisso consiste a dignidade de filhos de Deus, negada historicamente ao povo negro, e que necessita ser resgatada. A partir da identidade e dignidade resgatadas é possível cantar outra afirmação teológica: “Benza oh Deus como é bonito, negro tão bonito é”.

O encontro com sua identidade vai fazer a comunidade negra exaltá-la também na sua relação com Deus. “Então o canto passa a falar do jeito que o negro estabelece essa relação.” “Cantamos rezando, rezamos sambando a fé e a esperança da libertação que vai chegar.”⁷ Com esse canto é possível perceber que a libertação para o negro vem também mediante a valorização de suas expressões na vida das comunidades e grupos eclesiais. Nessa mesma perspectiva, um outro canto vem expressar o jeito do negro buscar sua libertação.

Lá vem o negro, trazendo espada na mão, ele sonha, ele luta por sua libertação. Canta, canta negro, canta, canta que a sua voz há de se ouvir, canta, negro canta, canta que a vitória há de vir. Grita, grita, negro grita, grita que sua voz há de se ouvir... grita que a vitória há de vir... dança que sua voz há de se ouvir... que a vitória há de vir.⁸

Essa canção reúne o canto, a luta e a dança como três elementos que expressam um modo do negro clamar por sua libertação. Nesse caso, o canta, canta; grita, grita e o dança, além de ser um apelo, é uma ordem para os negros. A conclusão, então, é a certeza da “vitória” que há de vir.

Em 1988, por ocasião da Campanha da Fraternidade sobre o negro, muitos outros cantos surgiram, explicitando uma teologia muito concreta presente na vida das comunidades e grupos negros. Outros dois cantos que não poderiam ser deixados fora deste trabalho são: “Senhor, Deus dos aflitos, ouvi nossos gritos Senhor”⁹, no qual é retratada a confiança que os negros aflitos depositam no Deus que ouve o clamor dos pobres. É um canto muito ligado ao texto bíblico de Êxodo 3.7-10, que fala do Deus que ouve o clamor dos oprimidos e desce para libertá-los. Foi também esse texto que funcionou como chave de compreensão da questão negra, orientando o texto básico da Campanha da Fraternidade daquele ano, cujo lema foi “Ouvi o clamor desse povo”. O outro canto foi uma “adaptação” do canto Ave Maria dos Oprimidos, no qual se modificou a palavra “oprimidos” por “irmãos negros”. É um canto que revela um clamor que nasce de uma terra onde os negros se encontram em profundo clima de oração e de luta pela sua libertação. “Ouvi o grito, que sai do chão, dos irmãos negros em

⁷ ROCHA, José Geraldo da. *Um clamor de Justiça*. Canto de animação da caminhada, 1987.

⁸ Autoria desconhecida.

⁹ DOREA, Alfredo. *Canto de meditação da Missa Negro: Um Clamor de Justiça*. 1988.

oração.”¹⁰ Como que fazendo uma espécie de conclusão desses dois cantos, encontra-se um que faz alusão à escravidão do povo narrada pela Bíblia e sentença:

[...] o povo de Deus continua gemendo, uma vida de escravo tá ele vivendo, gritando apereado já quase morrendo, subiu até Deus o grito de dor, seu luto e gemido o Senhor escutou e ficou comovido com este clamor.¹¹

O elemento da solidariedade sempre esteve presente no processo de resistência cultural do negro no Brasil. No fazer teológico podem ser verificados traços dessa solidariedade nos cantos que animam a caminhada. A teologia pode ser ainda percebida na evocação à solidariedade entre os pequenos na busca e na defesa da vida. O canto “Negra Mariama” é expressão do que aqui se afirma.

Negra Mariama chama pra cantar, que Deus uniu os fracos pra se libertar; Negra Mariama chama pra lutar, em nossos movimentos sem desanimar, levanta a cabeça dos espoliados, nossa companheira chama pra avançar [...].¹²

A história dos fracos que se organizam para lutar por seus direitos e criar melhores condições de vida no continente latino-americano tem uma conotação teológica muito grande. Nesse canto, reconhece-se o povo negro como parte desses “fracos”, entretanto é convocado a unir-se aos demais para buscar a libertação.

Muitos cantos foram nascendo de forma quase que anônimos. Algém compunha e cantava, sem a preocupação com a autoria. Tornava-se um canto popular. Outros já vinham mais organizados do ponto de vista da autoria da composição, como os cantos que compuseram a “Missa dos Quilombos”, que desempenharam um papel relevante na defesa de uma compreensão dos direitos das culturas diferentes de se relacionar com o Deus de todos os nomes. Associa a vida do negro à vida de Jesus; identifica o Quilombo negro com a Páscoa de Jesus e assegura ao negro a filiação divina tanto como ao branco.¹³

Em nome do Deus de todos os nomes, Javé Obatala, Olorum, Oió. Em nome do Pai que fez toda a carne, a negra, a branca, vermelha no sangue. Em nome do Filho, Jesus nosso irmão [...] Em nome do Espírito Santo, bandeira do canto do negro folião. Em nome do Deus verdadeiro que nos amou primeiro sem divisão. Em nome dos Três que são um só Deus. Aquele que era, é e será. Em nome do povo que espera na graça da fé a voz de Xangô o Quilombo Páscoa que o libertará.¹⁴

¹⁰ Canto adaptado à música Ave Maria dos Oprimidos.

¹¹ Autoria desconhecida.

¹² APNS 1988.

¹³ Extrato de um trabalho amplo que vem sendo elaborado, cuja parte foi publicada em forma de comunicação na *Revista Horizonte*, v. 8, n. 18, jul./set. 2010.

¹⁴ NASCIMENTO, Milton; CASALDÁLIGA, Pedro e TIERRA, Pedro. *Missa dos Quilombos*. Disco gravado na Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, Minas Gerais, 1982.

Aquilo que um grupo de caráter religioso canta fala de seu modo de compreender Deus. O cantar expressa e revela uma concepção de Deus presente no horizonte da vida de uma comunidade de fé.

Frutos da concretude da luta

Os frutos da negritude foram engendrados no seio das comunidades eclesiais de base (CEBs). O despertar dos pobres como sujeitos do processo histórico cultivado e impulsionado nas CEBs propiciou aos negros um fecundo encontro com seus valores identitários e fortalecedores da esperança. Dentre os muitos frutos evidenciados, destaca-se a certeza da presença de um Deus próximo, vivendo em meio aos pobres e consequentemente em meio aos negros. Esse Deus foi “tema” do cantar dos negros. Paralelo a isso, as CEBs passaram a significar lugar de consolidação da solidariedade das lutas negras. Alguns teólogos¹⁵ chegaram a afirmar tratar-se de um processo de enegrecimento das CEBs. Os cantos que foram nascendo entre os negros passaram a compor os hinários das CEBs. Um novo jeito de celebrar a vida com cantos e danças foi influenciando positivamente a caminhada da igreja. Nesse contexto, o combate ao racismo e à discriminação passou a ser também missão de todos aqueles que, movidos pela busca da justiça do Reino, estavam inseridos nas CEBs. Merece destaque ainda uma nova compreensão da dimensão participativa do negro na igreja. Agora não apenas como destinatários da boa notícia, mas também como anunciadores da Boa-Nova do Reino.

Aquilo que é cantado é resultante daquilo que é vivido. O vivido se expressa de múltiplas formas, entre elas, as afirmações de caráter teológico, presentes na cotidianidade da negritude.

Como uma luz que ninguém acende para colocar embaixo de uma mesa, se não que para brilhar e iluminar o ambiente, a negritude é algo que, ao despertar, se assemelha à luz. Ela é dom recebido de Deus, manifesta nos Agentes de Pastoral Negros. Daí a necessidade de colocá-la a serviço da causa do Reino entre os empobrecidos. Os valores que brotam do processo de negritude são frutos da bondade divina e ninguém recebe um talento para si mesmo, e sim para servir à causa do Reino de Deus através da comunidade. Agir na perspectiva da negritude como dom é agir movido pelo Espírito de Deus. É o Espírito quem abre a mente e o coração para compreender as “aspirações” de Deus a respeito do seu povo.

O nascer para a negritude foi sendo assimilado pelos negros como uma dádiva de Deus. Dessa negritude como dom nascia a certeza de que Deus já estava vivendo no meio dos negros. Essa presença transcende o fato do acreditar nas palavras de Jesus “onde dois ou mais se reunirem em meu nome eu estarei no meio deles” – palavras essas que, diga-se de passagem, parecem ter sido esquecidas no processo de evange-

¹⁵ Antônio Aparecido da Silva, em suas palestras e conferências sobre negritude e Agentes de Pastoral Negros, constantemente afirmava a importância da luta da comunidade negra como fator de enegrecimento da CEBs e de toda a ação eclesial no Brasil.

lização envolvendo os povos negros e indígenas nas Américas. Vai além também do fato de serem os negros os mais pobres entre os pobres. A certeza de Deus em meio aos negros aqui afirmada está fundamentada na encarnação do Verbo. A encarnação do Filho de Deus no mundo acontece para ser o maior sinal do amor de Deus para com a humanidade e toda a humanidade. Os negros então, com suas particularidades culturais e religiosas, passam a se sentir parte dessa humanidade. Isso infere que os determinismos culturais não mais poderão negar a presença de Deus no meio dos povos em função de suas culturas. Quando os negros afirmam “Deus já está no meio de nós”, falam a partir de uma vivência, de uma prática cotidiana, e os sinais dessa presença de Deus podem ser percebidos por todos aqueles que conseguem se desvencilhar dos preconceitos étnicos, culturais, religiosos e sociais, permanecendo abertos à ação do espírito, que capacita a cada um entender o outro falando em sua própria língua.

Os espaços de encontro dos grupos específicos de reflexão teológica têm sido uma “terra fértil” no surgimento das afirmações que caracterizaram a teologia que impulsionou e sustentou a caminhada dos agentes de pastoral negros. “[...] O lugar privilegiado de fazer teologia é no meio dos pobres, pois aí age o Espírito de Deus.”¹⁶ Nessa afirmação, merecem destaque dois elementos fundamentais: um é o potencial teológico dos pobres e a predileção desses como lugar social para se fazer teologia; outro é a ação do Espírito no meio dos pobres. Evidentemente, nessa afirmação, transparece a existência de uma abertura ao Espírito incessante, que sopra onde quer, e em função disso é atuante também na vida dos pobres.

Em um encontro de reflexão sobre teologia negra em Nova Iguaçu no ano de 1992, um grupo de mulheres elaborou um credo para ser rezado no grupão dos participantes da consulta teológica. Nesse credo, elas explicitaram traços desse Deus descoberto pelos negros e evidenciaram várias afirmações teológicas:

Cremos num Deus mãe... em um Deus que é alegria... em um Deus que renova nossas esperanças... num Deus que convoca, reúne e preserva... num Deus que é consolo na solidão... num Deus que veio fazer história conosco... num Deus que é garra, plenitude da beleza, ágil e criativo... que é ternura¹⁷.

O credo elaborado pelas mulheres apontou novos caminhos a serem trilhados pela teologia, caminhos esses que apontam para uma compreensão de uma nova imagem de Deus. Um Deus fortemente identificado e caracterizado com as mulheres negras, retrato mais evidente dos marginalizados. A perspectiva das “feições sofredoras destacadas em Puebla”¹⁸, são retomadas pelas mulheres negras numa espécie de “profissão de fé”, onde o Deus assume o seu jeito de ser e de viver.

A identificação de Deus com a figura de mãe colocam no horizonte teológico novas possibilidades de libertação de um seguimento marginalizado, oprimido e dominado na sociedade. A partir dessa compreensão e expressão do Deus da vida, as

¹⁶ Relato de um membro do grupo de reflexão da Teologia Negra no ano de 1988.

¹⁷ Relatório de grupos de trabalho, 1992.

¹⁸ DOCUMENTO DE PUEBLA, 1979, n. 31-39.

mulheres oferecem à teologia novos elementos de interpretação da ação deste mesmo Deus no mundo dos empobrecidos, como: a alegria, a esperança, a beleza, a garra, a agilidade, a criatividade e a ternura. A presença da mulher na luta e tudo o que envolve o mundo feminino desafiam o “fazer teológico” no sentido de recolocar a relação do amor de Deus pela humanidade como sendo um amor de mãe. Nesse sentido, já não basta apenas compreender esse amor único e exclusivamente como do Deus-Pai, mas necessário se faz compreendê-lo como amor de Deus-Mãe. Então sim é possível compreender o sentido da afirmação de um Deus que é vivenciado numa história concreta.

A vivência dos grupos de reflexão constituiu-se numa realidade concreta, em espaços efetivos de lutas pela recuperação da dignidade de filhos de Deus que passa pela reformulação de conceitos e imagem do Deus que liberta o seu povo.

O encontro do negro consigo mesmo perfaz mais um dos frutos colhidos na caminhada. A comunidade negra, em determinados momentos, com o avanço das lutas se refaz, o que significa um profundo “mergulho” do negro para dentro de si mesmo, de sua história, de seus sonhos. Dá-se assim a construção de uma consciência de si mesmo, de sua história, de seus sonhos e esperanças, de sua negritude, de sua memória, de sua tradição cultural, bem como de sua religião. Isso veio “qualificar” o negro no seu processo de reflexão teológica.

A conjugação da fé com sua realidade busca a valorização da vida, da dignidade e da identidade negra, ao mesmo tempo em que fortalece, através de formas de lutas organizadas, a luta contra o racismo e a discriminação.

Desse encontro feito pelo negro consigo mesmo surge o fortalecimento da sua memória histórica enquanto povo, o que vai significar também o fortalecimento da luta e da sua identidade. Nasce assim uma reflexão teológica própria da negritude, apontada uma perspectiva particular no campo do diálogo com o “mundo das religiões afro-brasileiras”. No Brasil, esse diálogo tem seus primeiros passos com o artigo do frei Boaventura Kloppenburg “Ensaio de uma nova posição pastoral perante a Umbanda”¹⁹. O artigo inaugura uma nova postura da igreja em relação às religiões afro-brasileiras. As *sementes do Verbo* espalhadas nas religiões para além do cristianismo ganham relevância no discurso religioso. A temática vai ganhando importância e passa a ser estudada pelo regional Leste 1 da CNBB, que publica “Macumba, cultos afro-brasileiros”. Em 1978, o frei Raimundo Cintra aborda esse novo enfoque da teologia católica em sua tese de doutorado “Candomblé e Umbanda”²⁰, onde o autor dedica um espaço privilegiado ao diálogo com as outras religiões. Outros dois novos trabalhos nessa perspectiva datam dos anos 1980. Um intitulado “Umbanda”²¹, que ainda esbarra nas limitações do racionalismo, e “Candomblé e Salvação”²², mais vol-

¹⁹ KLOPPENBURG, Boaventura. Ensaio de uma nova posição pastoral perante a Umbanda. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v. 28, n. 2, p. 404-417, junho 1968.

²⁰ CINTRA, Raimundo. *Candomblé e Umbanda*. O desafio brasileiro. São Paulo: Paulus, 1985.

²¹ COSTA, Valdeli Carvalho da. *Umbanda*. Os “seres superiores” e os Orixás/santos – Um estudo sobre a fenomenologia do sincretismo umbandístico na perspectiva da teologia católica. São Paulo: Loyola, 1983.

²² REHBEIN, Franziska C. *Candomblé e Salvação*. A salvação na religião nagô à luz da teologia cristã. São Paulo: Loyola, 1985.

tado à cosmovisão do negro africano do que à realidade do negro no Brasil no que diz respeito à sua vivência religiosa enquanto fiéis de terreiro.

Os anos foram passando e novos horizontes foram se abrindo, novos olhares foram se apresentando e novos passos foram sendo dados. O diálogo inter-religioso com as religiões afro-brasileiras foi se fortalecendo com algumas experiências concretas proporcionadas pela inserção de cristãos teólogos e agentes de pastorais no mundo de fé das religiões afro-brasileiras. Nessa perspectiva destaca-se a caminhada de fé do padre François de L'Espinay, que no seu trabalho de aproximação, diálogo e valorização da comunidade negra em Salvador foi escolhido como *mogbá* – membro do conselho de Xangô. A postura do padre ao aceitar ser iniciado num terreiro não como um pesquisador, mas sim para vivenciar a fé, demonstra a disposição e a abertura, e fortalece o diálogo.

Uma voz que ecoou e explicitou uma vivência, particularmente interessante, foi a de Dom José Maria Pires. Na época era um dos poucos bispos negros do Brasil, mas um símbolo de muitos outros negros brasileiros que começaram um processo de releitura da própria fé cristã e das religiões afro-brasileiras.

Numa perspectiva semelhante a de Dom José, cabe destacar, neste contexto de inserção e vivência como fortalecimento do diálogo com as religiões afro-brasileiras, as posições assumidas pelo padre Antônio Aparecido da Silva. Suas reflexões são um ponto de referência importante na caminhada do diálogo inter-religioso no mundo afro-brasileiro. Ele assinala a importância do assumir as raízes que estão na África e aqui, nas tradições culturais e religiosas de certo modo, denuncia o forte preconceito e a distância existentes entre muitos cristãos e a religiosidade de origem africana²³ e critica a hipocrisia de alguns sacerdotes que, com imponência, negam a comunhão a uma mãe de santo que dedica sua vida reunindo, nos terreiros, os pobres mais pobres para que se sintam gente e filhos de Deus. A teologia em construção na América Latina a partir de diferenciadas perspectivas ou enfoques vem possibilitando uma nova compreensão da realidade. Segundo Heitor Frisotti,

é esta nova visão da realidade, a partir dos excluídos, que pode nos permitir avançar mais na procura de um encontro qualitativamente diferente entre cristãos e fiéis das outras religiões afro-brasileiras para participarmos de uma construção de uma sociedade mais justa, plural e participativa²⁴.

A vivência dos cristãos negros e suas reflexões têm propiciado uma maior inserção social, contribuindo com uma releitura da presença e manifestação de Deus no continente latino-americano.

²³ SILVA, Antônio Aparecido da. Cultura Negra e Evangelização. In: BEOZZO, José Oscar (Org.). *Curso de Verão*. São Paulo: Paulus; CESEP, 1991. Ano V.

²⁴ FRISOTTI, Heitor. *Passos no Diálogo: Igreja católica e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 13.

No processo de aproximação e fortalecimento do diálogo com as religiões afro-brasileiras, são notáveis os traços de uma herança de fé, cujas raízes são africanas, influenciando as práticas e vivências dos negros cristãos.

Além do professar a fé cristã, uma grande parcela da comunidade negra está efetivamente ligada a elementos e práticas de fé envolvendo a tradição religiosa afro-brasileira. Essa realidade vem caracterizar em muito esse horizonte que se abre no fortalecimento do diálogo inter-religioso com o mundo de fé da comunidade negra. A teologia negra proporciona esse espaço de reflexão, pois, por um lado, não poderia ela fugir, desconsiderar ou negar tal realidade, uma vez que busca uma valorização das heranças históricas, culturais e religiosas do povo negro; por outro, é sua “missão”, considerando que se propõe a combater os preconceitos étnicos, culturais e religiosos, que funcionam como impedimentos da percepção do Deus que se revela no mundo das religiões e culturas oprimidas. Conforme afirma João B. Libânio,

[...] se Deus está presente em todas as realidades e eventos, e lá pode ser experimentado e revelar-se, com muito mais razão nas religiões. Aproximar-se da religião é tocar o santuário mais sagrado da vida humana. Nela os humanos espelham seus maiores segredos, desejos, sonhos, aspirações, carências²⁵.

A vivência da negritude faz surgir uma nova teologia. Essa, por sua vez, não apenas tem apresentado crítica ao branqueamento dos modelos teológicos, mas, em muitas oportunidades, tem colocado verdadeiros desafios, que devem ser repensados, reformulados depois de refletidos no contexto latino-americano, o que interpela e questiona a prática de fé dos cristãos.

A percepção desses desafios por teólogos e membros das igrejas latino-americanas está vinculada ao trabalho de conscientização sobre a real situação vivida pela comunidade negra neste continente. As injustiças, a dominação, o racismo e todo um processo de marginalização e exclusão da comunidade negra evocam um novo posicionamento dos cristãos.

No documento de Santo Domingo, o alerta do papa João Paulo II é enfático e, portanto, significativo, quando diz:

[...] olhando para a realidade do novo mundo, vemos pujantes e vivas comunidades afro-americanas que, sem esquecer o seu passado histórico, oferece a riqueza da sua cultura à variedade multiforme do continente²⁶.

²⁵ LIBÂNIO, João B. *Teologia da Revelação a partir de Modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 267.

²⁶ JOÃO PAULO II. Mensagem aos Afro-Americanos. In: CELAM. *Nova Evangelização, Promoção Humana e Fé Cristã* – Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino Americano. São Paulo: Paulinas, 1992. Anexo 2. p. 259.

Em conformidade com a compreensão de Boff²⁷, o cristianismo na América Latina passa por um processo de avaliação, quando se reflete o significado dos quinhentos anos de evangelização, sobretudo para as comunidades negras e indígenas.

Em decorrência dessas reflexões é possível perceber a profundidade da afirmação de João Paulo II. Ou seja, não é mais possível cometer os mesmos erros históricos na compreensão do cristianismo no processo de evangelização. Não apenas torna-se necessário, mas torna-se urgente uma nova interpretação do cristianismo, para que esse seja eficaz e promova a vida para os povos e culturas diversificados no contexto latino-americano.

São notórios, na caminhada de reflexão teológica feita pelos membros da comunidade negra a partir do dado da negritude, certo desconforto e uma insatisfação em relação ao modo como o cristianismo tem se relacionado, ao longo da história, com os valores culturais e religiosos da comunidade negra. A partir desse desconforto vão nascendo possibilidades e reafirma-se a necessidade de repensar o cristianismo numa perspectiva enegrecida. Segundo o Documento de Santo Domingo, é necessário tomar consciência de que nas culturas afro-americanas existem valores humanos que expressam a presença do Deus criador. É inegável o desvirtuamento do cristianismo na história da evangelização no continente latino-americano. Foram séculos de estreita relação com o poder dominante, em detrimento à vida dos povos negros e indígenas. Entretanto, nos dias atuais, constata-se o emergir das culturas oprimidas. Nesse processo de emergência cultural, novos horizontes vão sendo postos, nos quais “novos sujeitos” aparecem direcionando as ações. São esses “novos sujeitos” os propulsores de novos caminhos e novas possibilidades de reinterpretação do cristianismo. Não se trata mais apenas de questionar o “como ser cristão num mundo de miseráveis”, mas também como sê-lo num mundo de culturas e povos oprimidos, marginalizados e em processo gradativo de exclusão, vítimas do preconceito étnico-racial, que chega ao ponto de negar a história e identidade dos povos.

A partir desse questionamento, alguns elementos como a história dos oprimidos, as culturas oprimidas, a identidade negada e a diferença passam a ser fundamentais num horizonte de reinterpretação do cristianismo.

A relação que estabelecemos com Deus e com a religião está condicionada aos processos históricos vivenciados. Ao se tratar de processos de opressão, a teologia que daí brota acaba sendo caracterizada, marcada por traços dessa dominação. Considerando as particularidades do povo negro, existe uma grande diferença entre pensar Deus de um lugar social entendido como a casa grande ou fazê-lo de um lugar social denominado senzala.

O modo como o cristianismo se relacionou com as culturas negra e indígena nas Américas resultou em um verdadeiro massacre cultural. A teologia que deu sustentação à ação da igreja no processo de evangelização em muitas situações significou a morte para negros e indígenas. Em um contexto de dominação cultural, aprimoraram-se mecanismos que impossibilitaram aos negros e indígenas explicitarem suas

²⁷ BOFF, Leonardo. *Nova Evangelização: Perspectiva dos Oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1992.

manifestações do Deus da vida atuando e caminhando no meio dos pobres através dos seus processos de resistência. Tal reconhecimento não foi possível acontecer. Essa realidade impôs alguns desafios à teologia na contemporaneidade. Engendrar um processo de recuperação e valorização dos elementos culturais desses povos tornou-se exigência para recompor sua dignidade humana. Nasce assim o novo clamor: o clamor do negro. E tal qual em Êxodo, onde Deus viu a aflição do povo, ouviu o seu clamor e desceu para libertá-lo, o CLAMOR DO NEGRO continua se fazendo presente no solo latino-americano. Uma evocação que não para: Senhor Deus dos Afritos, ouvi nossos gritos, Senhor! Um clamor de justiça está no ar!

Conclusão

A presença dos negros na igreja à luz de uma nova consciência de sujeito proporcionada pelas reflexões da negritude descortinou uma riqueza especial à vida eclesial. Ao ressaltar em seus cantos a dignidade humana dos negros, uma nova visão de Deus foi possível vislumbrar. Um Deus que liberta, um Deus que conhece suas aflições e caminha de mãos dadas na concretização da libertação. A própria dinâmica celebrativa da igreja tornou-se mais viva. Os cantos reavivaram as celebrações, tornando-as mais alegres e participativas. Muitas foram as oportunidades que os cantos induziram a danças, explicitando uma contribuição eclesial característica do povo negro. É possível concluir ainda que a pujança da cultura afro-brasileira, sobretudo no modo de cantar ainda tem muito a oferecer na dinamização das liturgias na nossa igreja. Evidentemente, alguns preconceitos ainda arraigados no imaginário social quanto à presença do negro e o seu lugar na sociedade necessitam ser dissipados. A partilha feita pelos negros de um Deus envolto nos valores e nas coisas da negritude recolocou os negros na vida eclesial como sujeitos do processo histórico. Então cantar a vida tornou-se cantar a história, celebrar a história descoberta significa celebrar a própria vida, a certeza da Boa-Nova, que agora passa a ser também anunciada pela comunidade negra.

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *Nova Evangelização: Perspectiva dos Oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã*. São Paulo: Loyola, 1992.
- COSTA, Valdeli Carvalho da. *Umbanda*. Os “seres superiores” e os Orixás/santos – Um estudo sobre a fenomenologia do sincretismo umbandístico na perspectiva da teologia católica. São Paulo: Loyola, 1983.
- REHBEIN, Franziska C. *Candomblé e Salvação*. A salvação na religião nagô à luz da teologia cristã. São Paulo: Loyola, 1985.
- CNBB Leste 1. *Macumba, cultos afro-brasileiros*. Candomblé Umbanda, observações pastorais. 2. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Paulus, 1976.
- CINTRA, Raimundo. *Candomblé e Umbanda*. O desafio brasileiro. São Paulo: Paulus, 1985.
- DOREA, Alfredo. *Missa Negro Um Clamor de Justiça*. Cantos de Animação dos Agentes de Pastoral Negros. 1988.

- FRISOTTI, Heitor. *Passos no Diálogo: Igreja católica e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Paulus, 1996.
- JOAO PAULO II. Mensagem aos Afro-Americanos. In: CELAM. *Nova Evangelização, Promoção Humana e Fé Cristã – Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino Americano*. São Paulo: Paulinas, 1992. Anexo 2.
- KLOPENBURG, Boaventura. Ensaio de uma nova posição pastoral perante a Umbanda. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v. 28, n. 2, p. 404-417, junho 1968.
- LIBÂNIO, João B. *Teologia da Revelação a partir de Modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992.
- NASCIMENTO, Milton; CASALDÁLIGA, Pedro e TIERRA, Pedro. *Missa dos Quilombos*. Disco gravado na Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, Minas Gerais, 1982.
- DOCUMENTO DE PUEBLA. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Texto Oficial. Puebla de los Angeles, México, 27-1 a 13-2 de 1979.
- ROCHA, José Geraldo da. *Teologia Negra – Retalhos de Nossa História*. Rio de Janeiro, 1994. *Um Clamor de Justiça*. Canto de animação da caminhada. 1987.
- SILVA, Antônio Aparecido da. *Cultura Negra e Evangelização*. In: BEOZZO, José Oscar (Org.). *Curso de Verão*. São Paulo: Paulus; CESEP, 1991. Ano V.